

# Urdiduras e tramas do avesso: os trabalhadores do lixo<sup>1</sup>

\*Sueli Maria Cabral

\*Professora do Centro Universitário Feevale e das Faculdades Porto Alegrense – FAPA.

E-mail: suelic@feevale.br

## RESUMO

O objeto deste artigo são vidas humanas, que possuem em comum o trabalho com o lixo, especificamente os trabalhadores da Associação dos Recicladores de Resíduos da Zona Norte, na cidade de Porto Alegre. A partir desse universo, buscou-se compreender como esta atividade acabou sustentando – ou ressignificando - certos valores que, mesmo sem eliminá-la, transcenderam a vida individual, culminando num processo inclusivo de todos os envolvidos.

**Palavras-Chave:** trabalho, educação, lixo, desordem, inclusão.

## ABSTRACT

The object of this article is lives human being, that they in common possess the work with the garbage, specifically the workers of the Association of the Recicladores of the Residue Zone North. To leave of this universe, one searched to understand as this activity finished supporting – or resignification - certain values that, exactly without eliminating it, they had exceeded the individual life, culminating in an inclusive process of all the involved ones.

## INTRODUÇÃO

De acordo com o Dicionário Brasileiro Globo (1993), Lixo é “*Tudo que não presta e se deita fora (...) escória, sobras, imundícies, sujidade*”. Tal definição, principalmente quando colocamos em foco as modernas sociedades “civilizadas”, explicita não só a ação, mas o sentido que damos às sobras, à escória e ao que “não presta”, além de insuflar algumas questões: O que são sobras? O que é que presta? Quem trabalha com escória e dela sobrevive, como pode ser definido?

O campo de argumentação a essas questões

pode ser vasto, com fundamentos teóricos de diferentes ramos da ciência. Da física à semântica ou da química à psicologia, é possível mapear diferentes sentidos do mesmo signo. Porém, essa discussão não é o propósito deste artigo.

A mudança do vocábulo, no entanto, não altera a história de hábitos antigos, perniciosos à vida e ao meio ambiente, adquiridos quando a humanidade passou a viver em grupo e de forma sedentária. O lixo se apresenta como uma manifestação da desordem da ordem moderna, embora seja manifestação naturalizada, pois, por mais consciente que uma sociedade seja, continuará sempre a produzir resíduos, os subprodutos do conjunto das atividades desenvolvidas no seu interior.

O mapeamento do contexto torna-se mais claro quando nos aproximamos da tese de Balandier (1997, p.103) de que “a desordem e o caos não estão somente situados, estão exemplificados: à topologia imaginária, simbólica, associa-se um conjunto de figuras que manifestam sua ação dentro do próprio espaço policiado”. Tal aproximação permite a percepção de que a presença da desordem se faz sob formas de figuras, figuras ordinárias da ação humana e do meio ambiente.

Nessa perspectiva, não só o lixo, mas os sujeitos surgem como figuras de desordem. Figuras que são banalizadas e repletas de ambivalência por aquilo que delas é dito e o que elas designam, “sendo objeto de desconfiança e medo em razão de sua diferença e de seu status inferior, causa de suspeita e geralmente vítima de acusação” (BALANDIER, 1997, p.103); figuras que, como agentes de desordem, trazem um conjunto de outras figuras como a violência, a doença e o próprio fenômeno da catação que exemplifica a desordem da ordem moderna.

O fenômeno da catação de lixo é uma prática

<sup>1</sup> Este artigo é fruto de uma pesquisa realizada nos anos de 1999 à 2001, o que resultou na minha dissertação de mestrado, intitulada “Trabalhadores do Lixo: um relato de uma pedagogia da desordem” – UFRGS-2001.

antiga e presente, a partir do século XVII, em quase todos os países. O catador passou a ser um “instrumento” essencial no projeto de higienização das cidades, pois ao triar os lixos, esses sujeitos acabam por organizar os lixos das casas ao “coletar restos orgânicos, ossos e cadáveres de pequenos animais” (CORBIN, 1987, p.152). Essa prática, no entanto, está associada predominantemente aos indivíduos pobres, geralmente homens e mulheres do povo, inscritos nos centros de caridade que desodorizavam os espaços públicos e privados.

Porém, nos últimos anos, a problemática da produção e armazenamento de resíduos sólidos adquiriu uma dimensão que trouxe à tona antigas discussões sobre o destino final dos resíduos sólidos e, com elas, a visibilidade de uma população que, diariamente, anda pela cidade à procura de resíduos ou que passa dias e noites sobre lixões, tirando dali sua sobrevivência. Esses sujeitos tornaram-se parte da paisagem, do cenário banalizado das grandes cidades. Escapam, contudo, das explicações sociológicas pragmáticas, uma vez que fazem parte de um mundo ignorado, cujas relações são gestadas pelo movimento da desordem e percebidas como propulsoras de práticas transgressoras da ordem e dos seus limites.

Nesse contexto, a problemática do lixo foi, e ainda é, bastante complexa e até bem pouco tempo não havia sido tratada em todos os seus aspectos. As técnicas adotadas eram pensadas e executadas a partir das conseqüências trazidas pelo lixo e não pela sua origem e seu destino final. Nessa perspectiva, o processo de proibições e “esconderijos” (o projeto de ordem) resultou em um movimento, “percebido como uma energia selvagem” (BALANDIER, 1997, p.123), convertendo-se em um instrumento de trabalho com efeitos positivos. Este movimento de desordem trouxe a transgressão, a possibilidade de inovação do real, ofereceu novos elementos possibilitadores de uma nova ordem.

Ao se afastar o lixo e ao colocá-lo para fora das relações de uma sociedade asséptica e hierarquizada, ele foi necessariamente aproximado de pessoas com diversas denominações: lixeiros, moradores de favela, pobres que, com freqüência, nos alertam que o culto à limpeza – especificamente desta limpeza que afasta aquilo que não se quer ver ou ser – possui uma dimensão política, ética e estética geralmente não consideradas.

Ao olharmos o lixo, pelo seu avesso, encontramos relações sociais e simbólicas que, se por um lado o instituem como dejetivo, por outro podem reconhecê-lo como elemento de emancipação. Seu avesso é uma figura semiológica de desordem inscrita num sistema de signos e vigiada por controles mais simbólicos do que reais. Afastar o impuro (cuja definição existe pelo seu contrário, o puro, consubstanciado com a idéia do bem e mal, limpo e sujo, belo e feio), afastar a convivência com o insuportável a partir de uma ordem utilitarista e hierarquizada, já apresenta, no entanto, fortes sinais de desintegração. O tipo de solução encontrada e utilizada, os afastados “esconderijos periféricos” que, via de regra, se localizam perto de grupos dos quais se almeja distância, tornou-se cada vez mais ineficaz e seus sinais impuros e desordenados proporcionalmente se fazem mais presentes.

Neste sentido, este artigo procura os caminhos da compreensão, com o intuito de desvelar como as atividades dos recicladores de lixo abrem espaço para uma nova institucionalidade das relações de trabalho, novos sentidos que por excelência são heterogêneos, condicionados à forma de como estas vidas humanas estabelecem relações com o meio social, tornam-se instrumentos de mediação, de inclusão, unificação e de exploração das “coisas do mundo”.

### FIGURAS DE DESORDEM: OS TRABALHADORES DO LIXO

O Aterro da Zona Norte localizava-se na cidade de Porto Alegre, numa área de banhado, ligada ao Rio Gravataí, com 49 hectares de extensão, ocupada desde 1985 e explorada por catadores desde 1986. No início, eram aproximadamente 274 catadores: homens, mulheres, adolescentes e crianças que sobreviviam do lixo. Apesar de não haver números exatos, uma parcela desta população, oriunda de vilas periféricas que circundavam o aterro, “morava” no lixão em abrigos de lona ou plástico<sup>2</sup>.

Os diferentes horários de despejo dos caminhões e a necessidade de estar presente nesses momentos, garantindo uma garimpagem vantajosa, acabou propiciando a criação de uma pequena *cidade do lixo*. Portanto, para que fosse realizada a recuperação do Lixão em Aterro Sanitário era necessário iniciar atividades de orientação e organização das pessoas que não só exploravam economicamente o lixo,

<sup>2</sup> Vilas do Respeito, Santíssima Trindade, Nova Brasília, Nazaré e Dique.

<sup>3</sup> Para melhor entendimento, entende-se por Lixão um local a céu aberto onde são depositados resíduos sólidos, sem qualquer separação ou tratamento. Entende-se por Aterro Sanitário “o processo utilizado para a disposição de resíduos sólidos no solo que, fundamentado em critérios de engenharia e normas operacionais específicas, permite uma confinamento segura em termos de proteção ao ambiente e à saúde” (DMLU, 1993:10).

mas que também viviam sobre ele<sup>3</sup>

“Tinha gente que morava, tinha gente que tinha bar, vendia bebida, rinha de galo que brigavam, outros que robavam... uma barbaridade! Até mataram pessoas aqui. Prá te falar bem a verdade, eu acho que até hoje deve ter gente enterrada ali, porque teve pessoas que eu nunca mais vi que trabalhava ali, e tinham né, [aqueles que] ficavam por porre, às vezes de noite ficavam dormindo no meio do lixo, as máquinas empurrava e muitos eu salvei ali, puxando do meio do lixo, antes que a máquina levasse” **(Reciclador. Valdemar, 67 anos, Presidente da Associação. Março de 2001).**

“Lá acontecia de tudo. Tinha mãe que amamentava de um lado e catava lixo do outro, crianças junto ali. Acidentes de caminhão com crianças era normal. (...) chegava uma determinada hora que chegava mais de um caminhão. Estacionavam e despejavam o lixo para manobrar (...) as pessoas corriam na disputa pelo material, então assim muitas vezes tinha lixo de supermercado, assim, as crianças corriam para pegar iogurte, ou alguma coisa assim e o caminhão manobrando não tinha condições de enxergar atrás. Muitas crianças acabaram morrendo e os pais diziam “é menos um prá eu alimentar”(…). Tinha tudo que tu pode imaginar: carocinha para vender lanche no meio do lixo (...) eles fizeram uma cidadezinha, nos tínhamos diversos problemas, também o da prostituição. Meninas de 9 ou 10 anos que se prostituíam em troca de alumínio<sup>4</sup> porque era e continua sendo o material mais caro” **(Cláudia, Socióloga que trabalhou com os catadores no início do projeto. Setembro de 1999).**

A perspectiva inovadora do Poder Público, de tratar o meio ambiente como um problema social, não estava preparada para lidar com um universo onde o significado da relação homem-lixo não se limitava a ações de sobrevivência. Desta forma, homens, mulheres e crianças inscreveram - naquele espaço - uma ordem onde regras foram tecidas por sentimentos contraditórios, um ambiente de conflitos, compartilhados no cotidiano de uma atividade que sempre esteve aliada à idéia de miséria, do sujo e do impróprio, contudo, capazes de gerar uma sociabilidade entremeada pela reivindicação, pelo prazer e pela solidariedade.

O ambiente de conflito alimentou, no entanto, um processo educativo, não apenas dos catadores, mas fundamentalmente dos técnicos do DMLU-Departamento Municipal de Limpeza Urbana – Porto Ale-

gre. Os avanços foram sendo conquistados de forma gradativa. No mesmo ano, os catadores começaram a trabalhar com o material da Coleta Seletiva, mesmo sem um Galpão - trabalhavam com esse material a céu aberto -, começaram a trabalhar em pé, pois até então a maioria trabalhava acorçado ou ajoelhado<sup>5</sup>.

Esse “erguer-se” não só facilitou a separação do material da Coleta Seletiva, tornando-o menos penoso aos corpos dos trabalhadores, como deu um sentido diferente ao trabalho, uma vez que o ofício não necessitava mais ser executado a partir de uma posição física que carrega, como maior significado, a servidão. O trabalho, agora, era feito com o dorso erguido, ereto, possibilitando uma tradução que, nesse caso, significava um passo a mais para a conquista da própria dignidade.

Talvez a estranha combinação de desconfiança e desafetos entre os catadores e a esperança comum de uma vida melhor tenha possibilitado que o fenômeno, formado por homem-lixo-trabalho-sobrevivência, passasse a ser encarado como participação-decisão-prazer-solidariedade, e tenha possibilitado a construção de uma nova estrutura de convivência, culminando em novos sentidos éticos e estéticos a esta atividade laboral, constituída na e pela necessidade de sobrevivência. Entretanto, essa nova estrutura de convivência nunca foi destituída de contradições.

Dessa forma, esses sujeitos, no convívio com as dificuldades, acabam tecendo um movimento transformador e organizador que efetua mudanças, transcende à ordem da realidade “*para além de sua própria esfera e de seu ambiente, alterando-a a partir de sua dimensão ética, que irá nortear os seus valores*” (PETRAGLIA, 1995, p.59). Ao organizar-se<sup>6</sup>, o sujeito liga inter-relacionalmente “*elementos, acontecimento e indivíduos que, a partir daí, se tornam os componentes de um todo*” (MORIN, 1977, p.101), ou seja, ao coexistirem com representações coletivas de desordem (o lixo, o mal, a miséria) subvertem o esperado, exploram possibilidades e organizam-se a partir delas.

<sup>4</sup> A lata de alumínio é o mais valioso material reciclável, uma vez que a sua comercialização atinge preços muito mais altos em relação a outros materiais. Após sua separação, as latas são prensadas, sendo o material enfardado e vendido, primeiro para os donos de depósitos e, posteriormente, para as indústrias de fundição. Estas, por sua vez, transformam em lingotes de alumínio que, já em formato de blocos, “são vendidos para os fabricantes de lâmina que, por sua vez, comercializam as chapas para a indústria de lata” (Calderoni, 1999:181).

Um outro fator que torna este material atrativo ao processo de reciclagem é que este pode ser reciclado quantas vezes forem necessárias, sem perder suas propriedades. O problema encontra-se na tecnologia aplicada na fundição destas latas, uma vez que esta ainda é precária e obsoleta, pois as latas são encaminhadas para os fornos sem nenhuma limpeza prévia – ainda enfardadas- não havendo a retirada da tinta existente.

Mesmo assim, os ganhos com o processo de reciclagem são imensos. Há um ganho na diminuição da poluição da água e poluição do ar se comparado com a produção de alumínio a partir da matéria-prima, a Bauxita, minério de alumínio responsável pela quase totalidade da produção do alumínio primário, cuja reserva mundial não é grande. (Calderoni, 1999).

<sup>5</sup> Entende-se por Coleta Seletiva um sistema de coleta parcial de resíduos componentes do lixo domiciliar considerados recicláveis, baseada numa seleção prévia dos seus produtores. Em Porto Alegre a Coleta Seletiva foi implantada em 1990, no Bairro Bonfim. O programa foi ampliado até que em 1996 todos os bairros passaram a ser atendidos.

<sup>6</sup> De acordo com Edgar Morin, a organização é a disposição de relações entre componentes ou indivíduos, que produz uma unidade complexa ou sistema, dotada de qualidades desconhecidas ao nível dos componentes indivíduos. A organização liga sujeitos, acontecimentos e elementos diferentes.

São, portanto, sujeitos auto-eco-organizadores que estão no mundo “*não enquanto membro de uma categoria pertencente à espécie*” (PETRAGLIA, 1995, p.57), mas como autores de uma história que ainda está sendo escrita. Diferentes histórias que possuem um referencial comum: o trabalho com o lixo e no Galpão. O que verte, no entanto, de mais intenso nessas composições é como esta atividade acabou sustentando – ou ressignificando – certos valores que, mesmo sem eliminá-la, transcendem à vida individual, passando a irrigar ações educativas, tanto fora quanto dentro do espaço físico de uma instituição de ensino<sup>7</sup>.

Penso, então, ser possível entender as atividades realizadas no Galpão como um intenso e extenso processo educativo inclusivo, com uma capacidade “*tanto de criar e nutrir, quanto instruir, puxar para fora, produzir, isto é, aquele referente tanto à educação formal quanto à informal, o ato que atravessa as gerações e sustenta certos valores em direção à determinada idéia do bem*” (BECKER, 2000, p.224), o que recoloca o *acontecer* do cotidiano também como um conhecimento capaz de traduzir e reconstruir o mundo. Falar das coisas - quase como se as estivesse tocando -, da amargura individual à desilusão coletiva - às vezes até de forma contraditória - possibilita perceber o quanto os conhecimentos, adquiridos neste processo, ofereceram condições para uma articulação política no que tange ao reconhecimento, não apenas legal, mas social, da atividade realizada.

A experiência concreta de transformação da dimensão cultural e social destes sujeitos ocorreu no trabalho, pela possibilidade da troca que o *estar-junto* propicia, pela construção de uma nova visão do contexto, elaborada dentro do trabalho e pelo trabalho. Assim, o trabalho exercido pelo conjunto dos indivíduos do Galpão é tanto um instrumento de luta e de liberdade, como de inventabilidade e de originalidade. E é esta possibilidade de exploração interpretativa de caráter *pedagógico-sócio-antropológico* que o torna revelador, inclusive de um novo projeto de ordem.

Neste contexto, no universo pesquisado, os elos encontrados entre ética e estética, público e privado, ordem e caos acabaram por potencializar a idéia de que os recicladores, enquanto sujeitos auto-eco-

organizadores, exploram exaustivamente, no cotidiano do trabalho, todas as suas possibilidades afetivas, racionais e espirituais. Assim, embora o sentido imediato da atividade do Galpão seja o da sobrevivência, as capacidades dos recicladores de exploração, de apropriação e de interpretação das “*coisas da vida*” acabaram por conferir ao trabalho um sentido emancipador, capaz de torná-los agentes de defesa do meio ambiente, sujeitos de ação que gestam, no subterrâneo, novas formas de ser e de estar no mundo.

Além disso, na relação dos recicladores com o mundo, mediada pelos significados do lixo, reside uma cultura contrária, uma vontade rebelde contra a intolerância e contra os julgamentos que permeiam o cotidiano destes trabalhadores.

### **DIMENSÃO DO ÉTICO E DO ESTÉTICO: O TRABALHO ENQUANTO PROCESSO EDUCATIVO E INCLUSIVO**

Sabe-se que toda vida humana, inserida numa sociedade, acaba elaborando e convivendo com saberes e sentimentos que conduzem a um conjunto complexo de sentidos atribuídos ao trabalho, chegando à máxima, em algumas circunstâncias, de se constituírem “*não como apenas um atributo do eu ou de algum eu, mas como um predicado universal e genérico definidor por excelência do humano*” (JACQUES, 1997:128). Tais sentidos, que por excelência são heterogêneos, condicionados à forma de como estas vidas humanas estabelecem relações com o meio social, tornam-se instrumentos de mediação, de inclusão, unificação e de exploração das “*coisas do mundo*”.

A dimensão simbólica, heterogênea, ampla e complexa dos sentidos da atividade exercida pelos recicladores adquiriu esta função - mediação, exploração e unificação com a vida social – só que sob o jugo dos sentidos do trabalho como valor, apreendido pelo viés de valor positivo, um valor *meta-positivo*. Tal distinção propiciou que se confrontassem e/ou assimilassem elementos desiguais, estendendo pontes que os ligaram ainda mais ao mundo, tornando-os sujeitos ativos - aventureiros e desafiadores – das relações sociais.<sup>8</sup>

Essas situações, nascidas do encontro de de-

<sup>7</sup> A noção de sujeito auto-eco-organizador se origina das concepções de Edgar Morin. De acordo com o autor, a auto-organização dos sujeitos é na verdade uma auto-eco-organização, uma vez que transcende o próprio ser: “A noção de sistema auto-eco-organizador não é apenas uma noção empírica que só permite completar um saber insuficiente. É uma noção paradigmática de importância capital, que acentua e liga indissociavelmente caracteres sociais-chaves que, em geral, a teoria sociológica esquece: o problema da autonomia organizadora (auto-organização), o problema da relação com o ambiente (relação ecológica), problema permanente da desorganização interna (aumento de entropia) e o problema da reorganização interna (princípio auto-regenerativo)” (Morin, 1998a:85).

<sup>8</sup> O prefixo grego *meta* designa mudança, transformação, sendo assim, um valor meta positivo traz um sentido otimista e construtivo ativo, ou seja, capaz de causar mudanças.

terminadas circunstâncias, tornaram-se ponto de partida para um processo de socialização pedagógica, onde as relações com o mundo – condições e consequências – se constituiu enquanto processo educativo. Esse sentido pedagógico, que se materializa em diferentes ações, é o combustível para práticas sociais emancipatórias, promovendo não apenas o desenvolvimento da individualidade, mas também uma repolitização global da vida coletiva, permitindo “a revalorização e reinvenção de uma das tradições marginalizadas da modernidade ocidental: o conhecimento emancipação” (SANTOS, 2000:81), onde a solidariedade e a responsabilidade compartilhadas – valores positivos presentes no cotidiano destes sujeitos – são vias de interpretação do vivido e de construção do cotidiano<sup>9</sup>.

A tradução da compreensão dos significados das relações entre os recicladores do Galpão do Aterro da Zona Norte com o lixo envolve o domínio do diálogo com o múltiplo, com o avesso, com as diferenças encontradas tanto no seu exterior, como no âmago da sua interioridade, sendo que o aspecto significacional deste diálogo situa-se na sua própria autoridade enquanto instrumento revelador de contradições. A simbologia do lixo, o conjunto de regras, a formalização do trabalho, a preponderância de um grupo de indivíduos com laços de parentesco, a interferência do Poder Público transformam-se em instrumentos de dúvidas e de crises e, sendo sujeitos com hábitos instituídos, quer seja no plano do pensar, quer no de viver, travam batalhas não apenas com os “olhares de fora”, mas com a própria moralidade que os constitui e os conduz a um processo de construção ou desconstrução do que foi realizado.

Embora difícil, é neste embate que a vocação multicultural de uma *ação pedagógica-emancipatória* se realiza. Ou seja, num espaço onde a lógica não é

ultrapassar o que lhe é contrário, mas servir-se dele, como elemento dinâmico, promotor da identificação e de mudanças no modo de viver as relações sociais. Isso implica considerar a correlação entre os sujeitos na produção do conhecimento; compreender e valorizar os diferentes saberes que se entrelaçam a partir de um olhar caleidoscópico, capaz de compor diferentes combinações a partir de diferentes ângulos, criando uma relação dialógica entre todos os elementos que o constituem.<sup>10</sup>

Na procura da compreensão dos sentidos e saberes materializados nas relações entre o lixo e um grupo de indivíduos, presente numa realidade contida num terminado tempo e espaço, é importante perceber que o embate multicultural, enquanto *ação pedagógica-emancipatória*, que cria campos alternativos de experimentação e de conhecimento, se realiza no movimento de ordem e desordem, no confronto constante de forças desorganizadoras (entropia) e organizadoras (neguentropia), que gestam o diálogo e a transformação entre as partes – as subjetividades – e o todo – a sociedade. Esta dinâmica, vivenciada e absorvida pelos recicladores, tanto facilita o reconhecimento e a valorização de singularidades, quanto possibilita novas atitudes diante do processo de exclusão, não apenas econômica, mas social e cultural, pelo qual comumente são submetidos.<sup>1112</sup>

Anuncia-se, ainda, que o conjunto de aspectos levantados e apresentados sobre como se manifesta uma *ação pedagógica-emancipatória* não estão completos; o sentido do trabalho, como valor vivificado pelos sujeitos *auto-eco-organizadores-ordinários*, materializa-se em um processo educativo quando fundamentado em três princípios da solidariedade (na dimensão do ético, da participação), na dimensão do político e do prazer da criação, da invenção, do vivido em comum na dimensão do estético<sup>13</sup>:

<sup>9</sup> Segundo Boaventura Santos, o conhecimento é uma progressão entre um estado de ignorância a um estado de saber. De acordo como se entendem estes dois pontos, as formas de conhecimento se distinguem, não havendo nem uma ignorância em geral nem saber em geral. O paradigma da modernidade admite duas formas de conhecimento: do conhecimento-regulação que, em linhas gerais, trata-se de um conhecimento onde a ordem transformou-se numa forma hegemônica de saber e o caos em ignorância e o conhecimento-emancipação, onde a ignorância da reciprocidade e da incapacidade de conceber o outro a não ser como objeto percorre uma trajetória em direção à solidariedade. “A solidariedade é o conhecimento obtido no processo, sempre inacabado, de nos tornarmos capazes de reciprocidade através da construção e do reconhecimento da intersubjetividade. A ênfase na solidariedade converte a comunidade no campo privilegiado do conhecimento emancipatório” onde é possível “transformar o local numa forma de percepção do global, e o imediato numa forma de percepção do futuro”. (Boaventura Santos, 2000:81). Além disso, o conhecimento-emancipação está condicionado ao princípio de responsabilidade, que reside no cuidado de ações presentes e futuras. É um conhecimento cravejado de um compromisso onde toda responsabilidade e uma co-reponsabilidade.

<sup>10</sup> Trata-se de uma ação pedagógica fundamentada na noção de conhecimento-emancipação.

<sup>11</sup> De acordo com o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, o “vocabulo foi criado por Clausius em 1825, ocorre no inglês em 1868 e em 1875, como VCI, difundindo-se pelo francês “entropie”, a partir de 1877; prende-se ao grego entropé ‘ação de voltar-se, mudança de disposição ou de sentimento’. Na Física: “é a função de estado cuja variação infinitesimal é igual a razão entre o calor infinitesimal trocado com meios externo e a temperatura absoluta do sistema (...) Na Biologia: é a medida da variação ou desordem em um sistema(...) Na Comunicação: medida da desordem ou da imprevisibilidade da informação” (2001:1169).

<sup>12</sup> Tanto na Física, como na Biologia como na Comunicação trata-se da “função que representa o grau de ordem e de previsibilidade existente num sistema; entropia negativa” (Houaiss, 2001:2007).

<sup>13</sup> Esta perspectiva está fundamenta na noção de Boaventura Santos (2000) sobre um novo senso comum, um senso comum emancipatório.

O princípio da solidariedade, vivenciado no domínio do ético, torna-se visível nas diferentes relações sociais mantidas pelos recicladores. É composto por uma *solidariedade responsável*, por uma capacidade de reunir, agregar, não apenas pela sobrevivência constituída a partir de uma concepção antropocêntrica e individualista. Trata-se, antes, de uma responsabilidade com o outro, um compromisso ético de co-responsabilidade pelo presente e pelo futuro.

O princípio da participação, vivenciado na dimensão da política, preconiza, na prática social de *vidas humanas ordinárias*, diferentes coligações com os diversos elementos que as cercam e são exteriorizadas em embates que, via de regra, acabam culminando em jornadas que procuram a transformação. Tais embates, constituindo-se em uma *ação pedagógica-emancipatória*, visam a uma cidadania para além de um indicativo de qualidade, para além de um modo de ser: visam a *cidadanar*.

*Cidadaneano*, o poder que se busca compartilhado, tende a encontrar um equilíbrio entre suas características *cósmicas e caósmicas*, tende a uma eficácia da força coletiva pela via da participação ativa, operando-a em todos os campos sociais e articulando-a não somente no concreto, mas no socialmente invisível.<sup>14</sup>

O princípio do prazer possível na emoção partilhada, num *estar-junto* detentor de uma lógica transgressora da ordem racionalizadora, vivenciado na dimensão do estético, oportuniza a criação de uma sociedade mais propícia à participação e ao multicultural, experimentado e compreendido também pelos sentidos. Essa lógica transgressora constitui o terreno sobre o qual é possível entender o subterrâneo da dinâmica social, o que *“religa”* a partir da lógica da emoção. No entanto, essa emoção não é um *“simples fenômeno psicológico, ou um suplemento da alma sem consequência, é uma estrutura antropológica, cujos efeitos ainda estão aí para serem apreciados”* (MAFFESOLI, 1996, p.29). Ela conduz a um novo tipo de ligação com o outro que repousa na correspondência,

no reconhecimento da proximidade, no *conhecimento-emancipação*.

Na intersecção desses três princípios (solidariedade, participação e prazer), vivificados na dimensão do ético, político e estético, a vida cotidiana é uma obra de arte e a própria vida é uma obra de criação coletiva, composta por situações e práticas minúsculas, onde *“o fato culinário, o jogo das aparências, os pequenos momentos festivos, as deambulações diárias, os lazeres, etc. não podem ser considerados como elementos sem importância ou frívolos da vida social”* (MAFFESOLI, 1996, p.27). São elementos fundantes de uma socialidade que, balizada por um *estar-junto*, confere sentidos às coisas e às pessoas, agregando um modo de ser (*ethos*), mesmo que particular e momentâneo, propiciando um *sentir-junto* as convergências das ações e a sinergia social.

Nesse sentido, as experiências dos recicladores culminaram na construção e vivência de um *conhecimento-emancipação*, oriundo das interações, da possibilidade *obsedante do estar-junto* (MAFFESOLI, 1996). A ajuda associativa, a divisão do trabalho e as sociabilidades de vizinhanças interagiram na emergência de um sujeito ético, político e estético, detentor de uma subjetividade não conformista. Tais experiências - vividas dentro de um contexto de representações dominantes de moral, do belo e de poder – transformaram o acontecer cotidiano numa instância de alianças *“entre o bem e o mal, da conformidade e do nefasto, da ordem e da desordem”* (BALANDIER, 1997, p.102), onde o todo, que circunda o significado do lixo, se configura enquanto um valor *meta-positivo*, capaz de contribuir não apenas na emancipação individual, mas também coletiva.

Contudo, conduzidos por experiências periféricas de autogestão, metas sociais e atividades coletivas ainda estão sendo construídas e exploradas pelo sentido do imediato. Sendo assim, as novas regras de organização de trabalho, que estão sendo impostas ao grupo, são entendidas como um rigor *“desnecessário e insensível”*. Esse entendimento, mesmo que

<sup>14</sup> Estas características partem da tese de Boaventura Santos (2000:266-288) que entende por poder cósmico: “o poder centralizado, exercido a partir de um centro de alta voltagem (O Estado) e dentro de limites formalmente estabelecidos através de seqüências e cadeias institucionalizadas de intermediação burocrática. Em contrapartida, o poder caósmico é o poder descentralizado e informal, exercido por múltiplos microcentros de poder em seqüências caóticas, sem limites pré-definidos. Todas as constelações de poder combinam um componente cósmico com uma pluralidade de componentes caósmicos”. Ainda de acordo com o autor, é apenas na existência equilibrada e simultânea entre o cósmico e o caósmico é possível eficácias nas lutas de resistência contra o poder, sendo poder “qualquer relação social regulada por uma troca desigual. É uma relação social porque a sua persistência reside na capacidade que ela tem de reproduzir desigualdades mais através da troca interna do que por determinação externas(...)No relativo às relações de poder, o que é mais característico das nossas sociedades é o fato de a desigualdade material estar profundamente entrelaçada com a desigualdade não material, sobretudo com a educação desigual (...) e ainda a desigualdade de oportunidades e de capacidades para organizar interesses e para participar autonomamente em processo de tomada de decisões significativas”.

<sup>15</sup> Esta perversidade neo-liberal está centrada na idéia de um Estado Mínimo (cuja ação se restringe ao policiamento, justiça e defesa nacional) e supremacia da lógica do mercado em todas as instância da vida social, impondo um “salve-se quem puder”.

comporte uma visão vitimada e assistencialista, denota que as exigências burocráticas da vida econômica, política e social não estavam preparadas para uma autogestão que determine suas próprias regras.

A legitimidade desse entendimento, no entanto, encontra seus limites: acabar com as regulações frente a formas criativas de organização e de relações com o mercado, abrir espaço para uma nova institucionalidade das relações de trabalho, o que pode significar novas políticas públicas voltadas à inclusão através do fomento à geração de atividades produtivas que superem o assistencialismo e o autoritarismo, mas concomitantemente podem dismantelar o sistema legal que controla a livre iniciativa, ainda necessário diante de uma ética *neo-liberal* perversa<sup>15</sup>.

Equacionar os modelos de autogestão e cooperação com os níveis de exigência e eficiência que requer o mercado, exige - além do fortalecimento de vínculos sociais, uma articulação mais equilibrada de interesses entre Estado e Sociedade -, incorporando prioritariamente os grupos que ocupam a periferia do campo social, a fim de que a gama de inovações necessárias possam ser construídas sob a lógica de uma co-responsabilidade.

Sob esta perspectiva, o sentido do trabalho, aliado à idéia de sujeitos auto-eco-organizadores, torna-se um instrumento de mediação, união e exploração na relação com o outro, com a sociedade e com o ecossistema, quer pela transgressão, aceitação, reversibilidade ou identificação, culminando numa influência na dinâmica social. Enfim, acredita-se que a auto-eco-organização, presente numa *ação pedagógica-emancipatória-comprometida*, pode ser um ponto de partida para o amadurecimento de mecanismos políticos, onde o *locus* da eficiência se constitui pela participação maior e mais profunda de vidas *humanas-odinárias*. Ainda assim, o campo de exploração é imenso e existem vários outros elementos que devem ser abordados e outros que devem ser melhor analisados.

#### OBRAS CONSULTADAS

BALANDIER, Georges. **A Desordem - Elogio ao Movimento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997a. 261p.

BECKER, Fernando. **Epistemologia do Professor: o cotidiano da escola**. Petrópolis: Vozes, 2000. 2ª ed. 344 p.

CABRAL, Sueli Maria. **Trabalhadores do Lixo**. Relato de uma pedagogia da desordem. Dissertação de Mestrado. UFRGS/PPGEDU – 2001.

CORBIN, Alain. **Saberes e Odores. O olfato e o imaginário social nos séculos dezoito e dezenove**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. 366p.

COSTA, Ana Cláudia Fernandes. **Os Caminhos dos resíduos sólidos de Porto Alegre/RS: da origem ao destino final**. Dissertação de Mestrado. UFRGS/PPDEng. – 1998.

COSTA, Telmo Cardoso. **Pequena História da Cidade de Porto Alegre**. Porto Alegre: DMLU, 1983. 68p.

DEPARTAMENTO MUNICIPAL DE LIMPEZA URBANA - PMPA.- **Os Caminhos do Lixo: da origem ao destino final**. São Paulo, agosto de 1993. Trabalho Apresentado no I Simpósio Latino-Americano de Resíduo Sólidos.

DEPARTAMENTO MUNICIPAL DE LIMPEZA URBANA - PMPA.-. **Coleta Seletiva em Porto Alegre**. Porto Alegre: DMLU, 2001. Inédito.

DEPARTAMENTO MUNICIPAL DE LIMPEZA URBANA - PMPA.-. **Memória Ambiental do DMLU**. Porto Alegre: DMLU, Setembro, 1995. Inédito.

DORNELES, Malvina do Amaral. **Lo Público y lo Popular en el Ámbito Racionalizador del Orden Pedagógico Moderno**. Córdoba, Rep. Argentina, 1996 (Tese de Doutorado).

FISCHER, Nilton Bueno. **A História de Rose – classes populares, mulheres e cidadania**. Cultura Vozes (6), novembro-dezembro de 1992. P. 38 - 44.

GAIGER, Luiz Inácio (org). **Formas de Combate e de Resistência à Pobreza**. Porto Alegre: Editora Unisinos, 1996. 158p.

JACQUES, Maria da Graça Corrêa. **Trabalho, Educação e Construção da Identidade**. Tese de Doutorado. Porto Alegre: PUC/RS, 1993.

MAFFESOLI, Michel. **No Fundo das Aparências**. Petrópolis: Vozes Editora, 1996. 350p.

MORIN, Edgar. **Ciência com Consciência**. Lisboa: Publicações Europa América, 1982.264p.

\_\_\_\_\_. **O Método I. A Natureza da Natureza**. 2ª ed. Lisboa: Publicações Europa América, 1977.363p.

\_\_\_\_\_. **Introdução ao Pensamento Complexo**. 2ª ed. Lisboa: Instituto Piaget,1990. 178p.

\_\_\_\_\_. **Sociologia – A Sociologia do Microsocial e Macroplanetário**. Edição Revista e Aumentada pelo Autor. Lisboa: Publicações Europa

América, 1998b.351p.

PETRAGLIA, Isabel Cristina. Edgar Morin: **a Educação e a Complexidade do Ser e do Saber**. Petrópolis: Vozes, 1995. 116p.

RODRIGUES, José Carlos. **O Corpo na História**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1999. 198p.

RODRIGUEZ, C. À procura de alternativas econômicas em tempos de globalização: o caso das coope-

rativas de recicladores de lixo na Colômbia. In: SOUZA SANTOS, B. (org.) **Produzir para Viver**. Os Caminhos da Produção não capitalista. Rio e Janeiro, 2002. 514p. (Coleção: Reinventar a emancipação social: para novos manifestos. V.2 ).

SANTOS, Boaventura de Souza. **Crítica da razão indolente. Contra o desperdício da experiência**. São Paulo: Cortez, 2000.386p.